

LITERATURA, CULTURA E EDUCAÇÃO NO CONTEXTO HISTÓRICO DA ATENAS NORTE- RIO-GRANDENSE - ASSÚ/RN: CONEXÕES POSSÍVEIS¹

GILSON LOPES DA SILVA

Professor do Curso de Pedagogia da Faculdade do Complexo Educacional Santo André (FACESA-ASSÚ/RN). Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRN. E-mail: gilopes2000@hotmail.com

1 Esse trabalho é um recorte da Dissertação de Mestrado intitulada “História da Educação Primária na Atenas Norte-rio-grandense: Das Escolas de Primeiras Letras ao Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia (1829-1929)”, defendida em fevereiro de 2017 no Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRN.

RESUMO

Neste trabalho, analisamos as principais conexões que se estabelecem nos aspectos literários, culturais e educacionais na cidade do Assú/RN. Procuramos compreender a relação entre produções como periódicos, poesias e prosa e apresentações teatrais, que elevaram a cidade a condição de Atenas Norte-rio-grandense, e o fenômeno educacional no contexto do final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Como referencial teórico, nos reportamos as reflexões de Fenelon (1999) e Frago (1993). Na metodologia, desenvolvemos investigação documental e bibliográfica fundamentando, por meio das fontes e referências bibliográficas, a reconstrução do percurso histórico da cidade. As fontes utilizadas são obras de escritores e memorialistas locais e trabalhos acadêmicos que tem como objeto de estudo o contexto histórico, socioeconômico e cultural local. Com a chegada dos primeiros colonizadores europeus no território original, chamado de *Taba Açú* e ocupado por diversas etnias indígenas, a presença dos colonizadores portugueses estabeleceu uma série de transformações. O florescimento literário e cultural ocorre a partir da produção de periódicos, de poesias e textos diversos e atividades teatrais. Com a expansão dessas práticas, a cidade do Assú ganha visibilidade em todo o estado do Rio Grande do Norte no início do século XX, chegando a ser considerada a Atenas Norte-rio-grandense. A educação primária institucional se mostra significativa e necessária no processo de expansão dos fenômenos literários e culturais. Entretanto, mostra-se como um elemento de apropriação das elites locais, assim como a cultura e literatura, excluindo uma parcela significativa da população, formada pelas classes populares.

Palavras-chave: Cidade do Assú, Expansão cultural e literária, Educação.

Introdução

Assú² é uma cidade do interior do Rio Grande do Norte localizada a 210 quilômetros de Natal, capital do estado. É banhada pelo rio Piranhas-Açu, cuja nascente fica no vizinho estado da Paraíba e desagua na cidade de Macau/RN. O município de Assú tem área territorial correspondente a 1.303,442 KM² e uma média populacional estimada em 57.743 habitantes (IBGE, 2016).

A cidade é a sede da microrregião do Vale do Açu³, composta ainda pelos municípios de Carnaubais, São Rafael, Ipanguaçu, Itajá, Pendências, Alto do Rodrigues e Porto do Mangue. O município atua como polo econômico e de serviços para as localidades vizinhas auxiliando na rede bancária e nos sistemas de ensino público e privado.

O território onde hoje está localizada a cidade do Assú passou a ser povoado por colonizadores europeus por volta do século XVII, quando também se inicia o desenvolvimento econômico da região por meio da pecuária e, posteriormente, da produção de algodão e extração da cera de carnaúba.

Outro aspecto importante que expandiu a imagem da pequena cidade sertaneja foi o desenvolvimento literário e cultural com a produção de jornais, poesias e dramatizações. Essa conjuntura do desenvolvimento econômico, cultural e literário fez com que a cidade recebesse pseudônimos que expressavam o seu destaque no estado do Rio Grande do Norte, como **Terra dos poetas e Atenas Norte-rio-grandense**.

- 2 O significado da palavra Assú tem mais de uma interpretação. Inicialmente, pode estar relacionado a uma origem no tupi guarani, língua dos povos primitivos da região, relacionando-se com a expressão taba-Açu (Aldeia Grande), numa referência a dimensão do território habitado pelos índios Janduíis. Alguns pesquisadores também afirmam que uma segunda interpretação da palavra Assú estaria relacionada com a posição do território na margem esquerda ou Mão esquerda, do curso do rio Açu na direção sul-norte.
- 3 A grafia da cidade sempre provocou algumas polêmicas por aparecer escrita com SS ou Ç. De acordo com a Lei nº 124 de 16 de outubro de 1845 a antiga Vila Nova da Princesa foi elevada à categoria de cidade com a denominação de cidade do Assú, com SS. A partir da reforma ortográfica da Língua Portuguesa nos anos quarenta, o nome da cidade passou a ser grafado com Ç. Contudo, um requerimento do vereador Domício Soares datado de 16 de março de 1990 restaurava a grafia com SS que passou a ser utilizada nos timbres de papéis oficiais, em chapas de veículos e onde figurar a representatividade da autoridade municipal, sendo também ensinado nas escolas. Em nosso trabalho manteremos sempre a grafia estipulada nos documentos oficiais (SS), mas respeitaremos a grafia referente aos pontos designados antes da elevação da categoria à cidade, como no caso do Rio Açu e do Vale do Açu, e na transcrição de textos.

Este trabalho tem o objetivo de analisar as principais conexões que se estabelecem entre os aspectos literários, culturais e educacionais nessa pequena cidade sertaneja, localizada no interior do Rio Grande do Norte. Como referencial teórico, nos reportamos as reflexões de Fenelon (1999) que trata sobre pesquisa histórica em diversas cidades do país. Concordamos com a autora, que compreende a cidade “como o lugar onde as transformações instituem-se ao longo do tempo histórico com características marcantes” lidando com “constantes diálogos entre os vários segmentos sociais para fazer surgir das múltiplas contradições estabelecidas no urbano, tanto o cotidiano, a experiência social, como a luta cultural para configurar valores, hábitos, atitudes, comportamentos e crenças” (FENELON, 1999, p. 7). Também nos apropriamos das impressões de Frago (1993), que pensa a educação como um elemento essencial no processo civilizatório e importante no movimento de transformação dos espaços urbanos.

Este trabalho se justifica por considerarmos significativo reconstruir as diversas manifestações culturais, literárias, educacionais e os acontecimentos e fatos históricos marcantes da cidade na perspectiva de entendermos as relações que se estabelecem em seu passado pós-colonial e a dimensão dessas manifestações, acontecimentos e fatos em seu tempo presente.

Como metodologia, optamos pela investigação documental e bibliográfica no sentido de fundamentar, por meio da leitura das fontes e referências bibliográficas, a reconstituição do percurso histórico da cidade do Assú. Utilizamos como fontes, obras de escritores e memorialistas locais e alguns trabalhos acadêmicos que foram realizados tendo como objeto de estudo o contexto histórico, socioeconômico e cultural da cidade.

Com a chegada dos colonizadores portugueses no território ocupado originalmente por diversas etnias indígenas, ocorre uma série de transformações. Os aspectos literários e culturais desenvolvem-se a partir da produção de periódicos, de poesias e textos diversos e atividades teatrais. Com a expansão desses elementos, a cidade ganha visibilidade em todo o estado do Rio Grande do Norte no início do século XX, sendo considerada a Atenas Norte-rio-grandense. A educação primária institucional se mostra um fator preponderante nesse processo de expansão dos fenômenos literários e culturais. Entretanto, a educação também demarca um elemento de apropriação das elites locais, assim como a cultura e literatura, excluindo uma parcela significativa da população, formada pelas classes populares.

Contexto literário e cultural da cidade do Assú: A iminência do jornalismo, da literatura, do teatro e da música

Diversos registros históricos e literários apontam que no passado a cidade do Assú se destacou em todo o Estado do Rio Grande do Norte com uma efervescência marcada pelo jornalismo, a literatura, com a poesia e a prosa, e no campo cultural, com o teatro e a música. Amorim F. (1977, p. 2), afirma que em meados de 1920 a cidade do Assú “já era de há muito conhecida, através dos seus poetas, dos seus jornalistas e dos seus escritores”.

Essas manifestações começaram a ganhar ênfase na segunda metade do século XIX, com o início da publicação de diversos jornais que abriram o cenário da vida literária na cidade. Entre os principais expoentes e incentivadores da literatura e das artes no Assú podemos citar o médico Luís Carlos Lins Wanderley, que atuou na cidade como jornalista, literato, romancista e dramaturgo.

A imprensa despontou na cidade no ano de 1867, com a circulação do Jornal O Assuense, da responsabilidade de João Carlos Wanderley que criou a primeira tipografia⁴ da cidade. A partir daí, passaram a circular diversos outros jornais considerados de grande, médio e pequeno porte; alguns com vida efêmera e outros com um período de existência mais demorado. Um periódico que circulou com maior duração, durante quase 30 anos, foi o Jornal A Cidade, sob a responsabilidade de Palmério Filho, militante das letras que tratava a imprensa como uma preocupação constante e uma missão em sua vida. Fundado em 08 de dezembro de 1901, o Jornal A Cidade tinha uma linha de pensamento mais informativa, fugindo aos ataques pessoais e políticos da época. Esse noticiário circulou no Assú até o dia 05 de outubro de 1930.

Amorim (1965), fez um levantamento dos impressos que circularam na cidade entre os anos de 1867 e 1965. Começando pelo Jornal O Assuense, de 1867, até O Bisu, de 1965, o memorialista catalogou 117 periódicos publicados diariamente, semanalmente ou mensalmente e que destacavam em suas páginas temas e assuntos variados como política, moral, notícias, críticas, humor, educação, literatura, poesia, comércio e religião, entre outros. O autor também apresenta um perfil dos principais militantes que contribuíram com o desenvolvimento da imprensa na cidade do Assú e no Estado

4 No Rio Grande do Norte o primeiro jornal começou a circular na capital em 1832, chamava-se O Natalense.

do Rio Grande do Norte. Entre os principais nomes Francisco Amorim cita João Carlos Wanderley, Pedro Soares de Araújo, Elias Antonio Ferreira Souto, Palmerio Filho, Antonio Saboya de Sá Leitão, Teógenes Amorim, Nestor dos Santos Lima, Otavio Amorim, João Celso Filho, Sinhazinha Wanderley, João Marcolino de Vasconcelos e Renato Caldas.

Vasconcelos (1966, p. 17), aponta que no passado da lendária cidade sertaneja a predisposição para o jornalismo foi uma prática constante, ímpeto que arrefeceu “depois da morte de Palmério Filho”, que faleceu em abril de 1958 e era considerado “a mola espiritual que impulsionava a mocidade para as lides da imprensa”⁵.

Dentro do contexto literário da cidade, sobressaiu-se principalmente a produção poética que se desenvolveu a partir do final do século XIX. Ferreira (1999), pesquisando elementos pedagógicos nas obras do poeta assuense Renato Caldas, destaca que a cidade do Assú teve realce no panorama da cultura e literatura potiguar como uma das detentoras de maior número de poetas, recebendo, assim, o epíteto de **Cidade dos poetas**. As produções desenvolvidas na cidade apresentavam estilos diversificados, com temas satíricos, românticos, modernos, cívicos, populares e regionais, evidenciando ainda as paisagens do Vale do Açu e registrando aspectos históricos e o amor à terra, como podemos perceber no soneto de João Natanael Soares de Macedo (Apud VASCONCELOS, 1977, p. 58):

ASSÚ

Terra natal é bela quando esplende
O azul da tua abóbada infinita,
Torrão, no qual tanta nobreza habita,
Onde o Piranhas plácido se estende.

Sertaneja cidade, em ti palpita
Um seio amigo e bom que a todos prende;
Teu campo é um ninho alegre que recende
Aos raios tropicais que o sol vomita.

5 Com o advento da internet, os periódicos impressos foram substituídos na região pela circulação dos blogs e dos sites de notícias. O último jornal impresso a ser publicado no Assú foi a Tribuna do Vale do Açu, que circulou entre os anos de 1988 e 2012.

Nordestino rincão, valor genérico
De um povo, a resistir a intensidade
Do terrível flagelo climatérico.

Ao vir do inverno, em vez do mal profundo,
Pode-se comparar tua bondade
A um pedaço do céu dentro do mundo.

A família do médico Luiz Carlos Lins Wanderley apresentou contribuições significativas para o desenvolvimento da arte poética na cidade do Assú por meio de produções do próprio médico e de seus filhos Segundo Wanderley, Ezequiel Wanderley, Celestino Wanderley e Maria Carolina Wanderley Caldas (Sinhazinha Wanderley). Outros nomes que colaboraram com a expansão da poesia assuense no contexto potiguar foram Angelina Macedo, Antônio Soares, Nestor dos Santos Lima, Américo Macedo, Palmério Filho, Francisco Amorim, Pedro José, Moisés Soares, Moisés Sesyon, Renato Caldas, Júlio Soares, Oliveira Júnior, João Celso Filho, Celso da Silveira, João Celso neto (pai, filho e neto) e Moacir de Medeiros, entre outros⁶.

Os poetas assuenses também escreviam prosas, artigos para jornais, peças teatrais, hinos religiosos e cívicos e crônicas com temáticas variadas, evidenciando, principalmente, o cotidiano da cidade. O registro dos elementos históricos, dos tipos e da geografia do contexto local presentes nas linhas dos escritores assuenses colaboram com a construção da própria identidade da cidade, dado que “as histórias da cidade passam pelas ruas porque os passantes tecem os lugares, dando qualidades a essa trajetória de cerzir a cidade” (BARBOSA, 1999, p. 159).

Paralelo ao desenvolvimento da literatura assuense, destacamos também o teatro, com a fundação no dia 16 de março de 1884 da Sociedade Recreio Familiar, primeira sociedade dramática que deu origem ao Teatro São José. Nesse espaço eram encenadas várias comédias e dramas. Com o desaparecimento da Sociedade Recreio Familiar e do Teatro São José, foi criada em 1891 a Sociedade Recreio Dramático Juvenil Assuense, que passou

6 No livro *Poetas do Rio Grande do Norte*, lançado em 1922v(Reeditado em 1993), Ezequiel Wanderley reúne produções e biografias de 107 poetas potiguares. Entre esses, 39 são de Natal, 27 do Assú, 10 de Ceará-Mirim, 6 de Macaíba, 4 de São José de Mipibú e de Macau, 2 de Angicos e Nísia Floresta e 1 representante das cidades de Arês, Mossoró, Caicó, Apodi, Touros, Jardim do Seridó, Canguaretama e Lajes.

a encenar suas peças no Teatro São João, inaugurado em 24 de fevereiro de 1892. Esse novo espaço funcionou até 1897.

No dia 24 de junho de 1902 a Fênix Dramática Assuense estreou suas atividades num armazém comercial localizado na Rua São Paulo, onde improvisaram um pequeno palco. O espaço servia de sede própria. Contudo, de acordo com Amorim (1972, p. 11) a representação teve de ser realizada de portas abertas, porque o prédio tinha dimensões precárias e “tamanho foi o comparecimento de espectadores, que não regatearam louvores aos jovens amadoristas”. Essa sociedade desenvolvia diversos dramas, comédias e algumas cenas cantadas.

Desaparecida a Fênix Dramática e com algumas tentativas de grupos idealistas de manterem a arte teatral na cidade, em 1912 foi criado o Clube Dramático Arthur Azevedo que adquiriu um prédio na Rua de Hortas. Depois de empreender alguns reparos no estabelecimento e montar um palco o espaço tomou o nome de Teatro Alhambra. Inaugurado no dia 1º de dezembro de 1912, contou com um grande público “o que deveras concorreu para os seus organizadores continuarem a prodigalizar aos seus ‘habitués’ esplendidas noitadas” (AMORIM, 1972, p. 15). Não conseguimos precisar a data de encerramento das atividades do Teatro Alhambra, porém, no livro História do Teatro no Assú (1972), Francisco Amorim apresenta registros de encenações realizadas nesse espaço até os anos de 1945.

Entre 1925 e 1930⁷ o industrial Francisco Fernandes Martins idealizou e construiu um novo teatro na cidade com espaço amplo e grandes dimensões para a época que também realizava espetáculos musicais e projeção de filmes mudos. Esse novo espaço foi chamado posteriormente de Cine Teatro Pedro Amorim numa homenagem póstuma ao médico e primeiro prefeito do município, doutor Pedro Soares de Araújo Amorim, que administrou o município entre 1929 e 1930. As expressões artísticas apresentadas nesse novo espaço eram realizadas por companhias vindas de fora e por grupos e sociedades dramáticas locais, com dramas e comédias representadas e escritas pelos filhos da terra (FERREIRA, 1999).

Na década de 1940, Francisco Martins importou equipamentos para a adaptação do cinema falado. Esse espaço, considerado uma verdadeira casa

7 Não especificamos a data correta de inauguração do Cine Teatro Pedro Amorim porque alguns registros divergem. Contudo, apontam sempre esse recorte temporal.

de cultura da cidade por décadas, funcionou até meados de 1980, quando foi abandonado pelo poder público e literalmente ficou em ruínas⁸.

Amorim (1972, p. 2), chama a atenção para o arrefecimento e o ressurgimento da vida teatral no Assú, marcando um colapso provocado pelo “aparecimento do cinema, da televisão, dos movimentos esportivos, em geral”. Entre os principais representantes que tentaram manter viva a arte teatral na cidade o autor enfatiza as atuações de Luiz Carlos Lins Wanderley, Enéas da Silva Caldas, João Celso da Silveira Borges, Joaquim de Sá Monteiro, Manoel Lins Wanderley Segundo, as irmãs Jesuína, Luzia e Maria Amélia, José Correia de Araújo Furtado, Ezequiel Epaminondas da Fonseca, João Luiz de Araújo Picado, Palmério Filho, Teógenes Augusto Caldas de Amorim, Izabel Pio Dantas, João Celso Filho, Otávio Amorim, Francisca Sales, Francisca Adélia, Pedro de Medeiros, entre outros nomes que se revezavam nas diretorias e atuações das sociedades dramáticas amadoras sempre com o objetivo de manter viva a tradição da cultura local.

Ferreira (1999), atenta para o fato de que os principais nomes das famílias que contribuíram com o desenvolvimento da vida literária e cultural da cidade do Assú são descendentes dos europeus que dominaram e colonizaram a região, notadamente, portugueses e holandeses, como as famílias Wanderley, Lins, Amorim e Caldas, como podemos perceber nos nomes destacados. Para a autora, esse fato denota que o processo de colonização também teria deixado resquícios e efeitos substanciais de influências da cultura europeia e possibilitado o desenvolvimento da efervescência cultural assuense, por meio das letras e das artes, incorporada também, “mediante o desenvolvimento econômico começado na ribeira do Assú que proporcionou a fixação de famílias brancas introduzindo novos costumes na região, já que até então aquele território pertencia aos índios” (FERREIRA, 1999, p. 56).

Outro fator que possivelmente contribuiu para o desenvolvimento cultural e literário no Assú foi a elevação da antiga Vila Nova da Princesa à categoria de cidade⁹, incorporando um projeto de inovações e transformações que ecoavam pelo país, trazendo mudanças no aspecto das vilas e cidades nos meados do século XIX. Acreditamos que esse fator também

8 Numa parceria entre a Prefeitura Municipal do Assú, o Governo do Estado do Rio Grande do Norte através da Fundação José Augusto, e da Petrobras, o Cine Teatro Pedro Amorim foi reerguido, revitalizado e reinaugurado em julho de 2013.

9 A Vila Nova da Princesa foi elevada à categoria de cidade do Assú no dia 16 de outubro de 1845.

tenha favorecido o desenvolvimento da economia, das letras, das artes e da educação principalmente porque concordamos com a afirmação de Sodré (1978, p. 29) de que “nas cidades   que a cultura tem a possibilidade de crescer; nelas passam a sediar-se os ofícios artesanais, nelas as atividades religiosas ganham brilho e solenidade, nelas as letras ganham pares”.

A importância da divulga o de ideias literárias também pode ser notada com a instala o de uma biblioteca popular na cidade do Assú que ocorreu no dia 03 de maio de 1874. Contava inicialmente com um acervo de dez volumes de obras doadas pelo Tenente Coronel João Maria Júlio Chaves. O Coronel Manoel Lins Wanderley doou exemplares do periódico Novo Mundo e o Dr. Luiz Carlos Lins Wanderley doou seis volumes de obras de literatura. Funcionou inicialmente num dos c modos da casa do Dr. João Carlos Wanderley “enquanto não houvesse uma casa em melhores condi es para funda o da Biblioteca” (ASSU EM REVISTA, 1980, p. 16).

Pinheiro (1997, p. 70) identifica que as marcas dos sinais de urbanidade que se desenvolveram na cidade do Assú entre os séculos XIX e XX “conviviam com os valores e atendiam aos interesses das grandes famílias proprietárias de terras e do comércio local: Wanderley, Amorim, Soares, Cabral, Pimentel, Macêdo, Fonseca, Souto, Oliveira, Melo, Montenegro”.

Muitos dos nomes de militantes da literatura, da imprensa e da cultura na cidade do Assú também se preocuparam com a questão da educa o no município e desenvolveram atividades no campo educacional, seja como professores das escolas de primeiras letras, implantadas em 1829, e que atuavam em suas residências ou assumindo turmas e a dire o do

Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, inaugurado na cidade no dia 09 de setembro de 1911. Entre os principais nomes de educadores podemos citar o professor Elias Ant nio Ferreira Souto, a professora Maria Carolina Wanderley Caldas (Sinhazinha Wanderley), os diretores João celso Filho e Alfredo Simonetti, e representantes do poder público local, como José Correia de Araújo Furtado e Ant nio Saboya de S  Leitão.

Um dos fatos marcantes do país no século XIX que ecoaram significativamente na cidade do Assú foi a campanha abolicionista, com a funda o no dia 13 de maio de 1883 de uma associa o denominada Libertadora Assuense, entrando na luta contra o sistema de escravidão. A associa o foi presidida pelo vigário Ant nio Germano Barbalho Bezerra e contava com um grupo seletivo de personalidades locais. De acordo com Lima (1990, p. 148), a campanha foi feita de forma legal, sem empreender “nenhuma violência ao direito do dono de escravo; mas, conquistava-se a liberdade pelo resgate

pecuniário, pelo conselho persuasivo, pelos meios regulares”. Até que no dia 24 de junho de 1885 os escravos da cidade do Assú foram considerados livres¹⁰.

Os pontos apresentados anteriormente expressam o desenvolvimento socioeconômico e a expansão cultural da pequena cidade sertaneja do interior do Rio grande do Norte, e por meios deles fica mais fácil compreender e assimilar os diversos epítetos que ela recebeu, como **Terra dos Poetas** e **Atenas Norte-rio-grandense**. Encontramos esse último epíteto em registros de pesquisadores locais e regionais e destacamos as reflexões de Vasconcelos (1966, p. 17), que observa que os assuenses apresentaram uma atuação notável no campo vasto da cultura e da literatura potiguar, especialmente no jornalismo e na poesia. O autor acrescenta que se o Estado do Maranhão é considerado a **Atenas Brasileira**, a cidade do Assú pode ser considerada a **Atenas Norte-rio-grandense**, porque “basta nascer nessa terra prodigiosa, beber água da lagoa do Piató¹¹ e ouvir o farfalhar acariciante das flabelas do carnaubal esguio e numeroso, para possuir, inato, o dom poético, elevado à mais alta potência criadora”.

10 É importante salientar que o Rio Grande do Norte nunca contou com um grande contingente de escravos como ocorreu em outras regiões do país, principalmente na região Sudeste. A exploração dessa mão-de-obra em terras potiguares alternou momentos demográficos diferentes em função de diversos fatores como a seca de 1845 onde a população era de uma média de 18.000 escravos, mas caiu drasticamente para 13.000 por volta de 1870. Esse número também diminuiu porque milhares de escravos da região Nordeste foram vendidos para as províncias do Sudeste na primeira fase de expansão do café. Por esses e outros motivos, no Rio Grande do Norte a abolição do trabalho escravo ocorreu em vários lugares antes mesmo da promulgação da Lei Áurea, de 13 de maio de 1888, como em Mossoró (1883), Assú (1885), Caraúbas e Campo grande (1887). Quando a lei instituída pela Princesa Isabel entrou em vigor, na província do Rio Grande do Norte existiam apenas 482 escravos (MONTEIRO, 2015).

11 Piató é a maior lagoa do município do Assú que mede 18 km de extensão por 3km de largura. Em períodos de cheia tem capacidade para 18 milhões de m³ de água, possibilitando aos moradores do entorno da lagoa, conhecido como Anel da Lagoa do Piató, o consumo de peixes e projetos de irrigação de plantações variadas. Habitada inicialmente pelos indígenas da região, durante o processo de colonização a lagoa também passa a ser palco do conflito colonil conhecido como Guerra dos Bárbaros. No idioma dos habitantes primitivos, Piató viria da palavra *ipia-a-tá*, que significa lagoa da casa, ou lagoa da morada, numa referência a uma tradicional fazenda de gado instalada pelos primeiros colonizadores às margens da lagoa (SILVEIRA, 1995) (ALMEIDA, PEREIRA, 2006). Em função da seca que atinge a região nos últimos anos, o nível de água da lagoa do Piató vem diminuindo drasticamente.

A educação primária na Atenas Norte-rio-grandense

No campo educacional, a educação primária institucional tem início ainda na Vila Nova da Princesa, em 1829. Nesse ano foram instituídas duas cadeiras de primeiras letras, uma masculina e uma feminina. O senhor José Felix do Espírito Santo começa a exercer o magistério na cidade, dando início a primeira escola masculina e sendo considerado o primeiro professor primário da história do Assú. A cadeira feminina começou a funcionar em 1834, tendo como mestra a professora Maria Joaquina Ezequiel da Trindade. Durante todo o período imperial foram se desenvolvendo outras escolas públicas e particulares na cidade sob a responsabilidade de diversos regentes.

A implantação das escolas de primeiras letras na cidade foi fruto das diversas tentativas de consolidação do sistema educacional no Brasil por meio de legislações que instituíram o ensino de primeiras letras, o ensino secundário e os cursos superiores espalhados em alguns pontos do país a partir do advento da Proclamação da Independência do Brasil da Coroa Portuguesa, em 1822. E por mais de um século, a educação primária foi o modelo de educação mais forte presente no Assú dado que as escolas secundárias são implantadas na cidade apenas na década de 1940. Mas, nos parece que mesmo o contato apenas com a educação primária foi essencial para a formação da identidade cultural e literária que se desenvolveu na cidade e também se torna significativo, inclusive, para a construção da cognominação da Atenas Norte-rio-grandense.

Alguns pesquisadores do contexto cultural e literário do Assú afirmam que os filhos da cidade sempre foram pródigos no campo da poesia e essa seria uma herança, ou um pendor, trazido do berço até mesmo sem a necessidade desses poetas cursarem bancos escolares para desenvolverem a camaradagem com as musas ou seus dotes artísticos. Que são espontâneos na arte de versejar e isso já caracterizaria o verdadeiro poeta. Francisco Amorim, por exemplo, acredita que os versos dos assuenses:

[...] não tem a tortura da arte o que demonstra a falta de cultura em compensação a fertilidade da imaginação. Às vezes, na própria escassez de conhecimentos ressalta os fulgores da inteligência. Já se tornou tão proverbial esse atributo que, nem sempre, podemos distinguir o assuense do poeta ou o poeta do assuense. (ASSU EM REVISTA, 1980, p. 38).

Em outro trabalho, o memorialista Francisco Amorim também destaca o pendor dos assuenses para a imprensa citando a participação efetiva de José Marcolino de Vasconcelos que teve sua existência associada à uma tipografia. Sem ter cursado o primário, Vasconcelos dedicou-se às artes gráficas com devotamento e afeição e confeccionou por quase uma vida diversos jornais editados no Assú. Convivendo com intelectuais, chegou a rabiscar algumas coisas que publicou sob pseudônimos e exerceu o cargo de diretor do Centro Operário Assuense, porém, nunca esteve em bancos escolares. O jornal *A Cidade* “o teve como leal servidor, na qualidade de tipógrafo, até o seu último número, demonstrando sempre boa vontade e melhor disposição na feitura desse periódico, incontestavelmente, o intemorato pugnador dos anseios maiores da coletividade assuense” (AMORIM, 1965, p. 71),

O próprio Francisco Amorim cursou apenas as primeiras letras com as professoras Luísa de França das Chagas Cavalcante e Sinhazinha Wanderley, mas notamos que essa formação primária foi essencial para a sua contribuição vasta no campo da literatura, do teatro e da imprensa, em trabalhos onde o memorialista retratou com muita propriedade as paisagens, os personagens e os fatos locais. Isso também fica evidente na própria linguagem utilizada pelo autor que se apropria muitas vezes de termos complexos e articulados. Palmério Filho, irmão de Francisco Amorim, também “apenas cursando o primário manejava com correção e pureza o idioma pátrio” (ASSÚ EM REVISTA, 1980, p. 40). O jornalista Palmério Filho recebeu as primeiras letras do professor Manoel Maria da Apresentação, contudo, fica evidente que essa educação foi bastante significativa, dado que se tornou um dos principais militantes da imprensa na cidade do Assú.

Oliveira (1966, p. 11), destaca que no processo de expansão da cultura do Assú “Homens que nunca tinham frequentado os bancos de escolas secundárias e superiores e possuíam a inclinação natural para os livros, existiam na antiga *Nova Vila de Princesa* e do maior quilate. O seu número não era limitado: era grande” (Grifo nosso). Essa visão do protagonismo e da disposição dos assuenses para o mundo das letras contando apenas com a formação primária também é compartilhada por Wanderley (1965, p. 39):

Desde os primeiros tempos que a nossa gente se destaca pela sua natural vocação para as letras, principalmente a poesia e o jornalismo. Até às primeiras décadas do século atual [século XX], os assuenses não dispunham de outro estabelecimento de ensino além de cursos primários, inclusive o Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, inaugurado em 1911.

Mesmo assim, tornam-se autodidatas e brilham pela inteligência e pelo espírito. Que estudos tiveram João Celso Filho, João Carlos Wanderley e Angelina Macêdo, Palmério Filho, Francisco Amorim, Oliveira Junior e Renato Caldas? Nunca viram, nem ouviram as aulas de um colégio secundário, nem tampouco tiveram professores de humanidades. No entanto, fizeram e fazem milagres nos setores intelectuais.

Como já havíamos afirmado antes, as análises de Oliveira e Wanderley demonstram que a cidade contou apenas com escolas de educação primária por um longo período apesar do desenvolvimento econômico com a produção acelerada do algodão e da cera de carnaúba, das transformações no espaço urbano e do reconhecimento no campo da literatura e cultura.

Oliveira (1966, p. 12), que viveu a sua infância em Assú entre os anos de 1913 e 1925 e depois migrou para o Recife onde formou-se em Bacharel pela Faculdade de Direito da Universidade de Pernambuco assumindo funções no magistério em universidades e colégios pernambucanos, apresenta em sua palestra uma memória significativa da presença marcante de sua professora de primeiras letras, D. Maria de Sá Leitão, “mãe de sacerdotes e de freiras”. Wanderley (1965, p. 39), também recorda em seu texto o Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, instituição onde cursou as primeiras letras.

Mesmo difundindo apenas a educação primária esses espaços educacionais são significativos porque as cidades são o meio por excelência da escrita. Nelas nasce, se produz e oferece toda uma panóplia de elementos visuais de signos, de usos, funções e possibilidades diversas. Além disso, de acordo com Frago (1993, p. 92):

É no espaço urbano onde mais visíveis são as normas, os limites e o recurso subjetivo e pessoal à expressividade gráfica exercida com liberdade, direito e transgressão; onde a luta por ocupar espaços – sociais e materiais – de escrita e leitura é mais evidente; onde toda escrita torna-se, em última instância, signo e imagem dessa ocupação e, portanto, de poder, junto a outros signos, grafias e imagens; mais objeto visual – publicidade, ostentação – que legível. Daí que seja neste contexto, o da construção e o da expressividade gráfica, o da diversidade funcional e o da legibilidade, no qual se deve considerar – tanto histórica quanto atualmente – a confrontação entre a aprendizagem ou usos escolares da leitura e escrita e o domínio e uso de ambas as habilidades em âmbitos e dimensões tão diferentes quanto o cotidiano, o intelectual e o estético.

A cidade do Assú também recebeu o pseudônimo de Atenas Norte-rio-grandense numa referência ao desenvolvimento da cidade de Atenas, capital da Grécia e uma das principais cidades do mundo grego antigo. Considerada o berço da civilização ocidental, que deu origem a filosofia, a literatura, a dramaturgia e a ideia de democracia moderna, na Antiguidade a cidade estava aberta ao comércio, tornando-se rica, prospera e dinâmica e influenciando diretamente a formação cultural e política do Ocidente. No processo de construção da identidade do povo grego na Antiguidade, exerce importância fundamental o desenvolvimento da filosofia, com um destaque acentuado para à educação e à formação dos cidadãos em sua sociedade construindo também a ideia de democracia e participação popular.

Contudo, a democracia proposta à época de expansão da cultura grega no mundo antigo era marcadamente elitista e machista, onde apenas os cidadãos livres, homens, poderiam participar dos desdobramentos e do direcionamento da vida social, deixando de lado a participação dos escravos, das mulheres e das crianças. A educação também seguia essa segregação e os filhos da elite é quem receberiam formação para participar da vida pública através dos discursos na *ágora*¹², dando continuidade a um governo que se dizia democrático, mas que na verdade expressava a permanência dos ideais oligárquicos.

Dessa forma, também nos questionamos sobre a construção da identidade do próprio povo assuense a partir do processo de colonização do território no século XVII e da expansão econômica e cultural da cidade no final do século XIX e início do século XX. Que personagens contribuíram para a construção da identidade do povo assuense e quem participava ativamente e era beneficiado diretamente por esse processo? Ferreira (1999) e Pinheiro (1997) identificam que as famílias mais beneficiadas pelo desenvolvimento socioeconômico e cultural da cidade do Assú eram descendentes diretas de famílias europeias que compunham a elite local. Fica evidente também na reconstrução do desenvolvimento literário e cultural do município que as produções desenvolvidas contavam com a participação efetiva dessas famílias, que viviam principalmente do comércio e do trabalho agrário nas fazendas e que dominaram a região marcadamente por três períodos da história do Brasil: a Colônia, o Império e a Primeira República.

12 As ágoras eram os espaços públicos onde os gregos se reuniam para discutir os destinos da cidade. Concentravam-se, geralmente, nas praças públicas.

Ao mesmo tempo, também nos perguntamos sobre os que constituíam o oposto da vida social nessa pequena cidade sertaneja; os que formavam grande parcela da população mas que não tinham acesso direto à terra e que ficavam a margem dos avanços econômicos e sociais e do desenvolvimento cultural e literário mas que contribuíram significativamente com o desenvolvimento econômico da região com sua força de trabalho, desde o início do processo de colonização. Essa camada populacional era formada principalmente pelos mestiços nascidos na própria capitania e que eram descendentes dos poucos indígenas sobreviventes dos conflitos durante o processo de colonização, dos homens que se incorporaram nas tropas militares de conquista da região na condição de soldados, como os negros e caboclos, e pobres e sem terras que viviam mediante relações de trabalho não assalariado (MONTEIRO, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desse artigo, procuramos analisar as possíveis conexões que se estabeleceram entre os aspectos literários, culturais e educacionais na cidade do Assú, interior do Rio Grande do Norte. Esses processos foram demarcados por uma produção intensa de periódicos, poesia, prosa e apresentações teatrais. E a educação, como elemento determinante e necessário num universo civilizatório, principalmente nas primeiras décadas do século XX, foi essencial para a expansão dos aspectos literários e culturais na chamada Atenas Norte-Rio-Grandense.

Entretanto, identificamos que a expansão literária e cultural ocorreu demarcando um fator de exclusão das classes mais populares, também fazendo da educação um elemento seletivo. As investigações do processo de construção, de transformações e de possíveis conflitos ocorridos nas relações sociais desenvolvidas na pequena cidade sertaneja em diferentes temporalidades são necessárias principalmente por manifestarem significados que definem e delineiam a paisagem urbana e as próprias imagens da cidade do Assú.

Reconstruir essas diversas imagens impregnadas de memórias e sentidos modificados por processos políticos e culturais externos e internos e experiências e vivências sociais instituídas na cidade nos aproximam do entendimento dos modos de viver, de moradia, de lutas, de trabalhos e de diversão e lazer dos moradores que, com suas ações, impregnam e constituem a cultura urbana. Para Felon (1999, p. 6), agindo dessa forma, “esses

moradores deixam registradas ou vão imprimindo suas marcas no decorrer do tempo histórico, marcas que traduzem a maneira como se relacionaram ou construíram seus modos de vida neste cotidiano urbano”.

Essa abordagem da diversidade de elementos presentes na investigação das temporalidades também pode ser utilizada para criarmos a ponte entre os apontamentos elitistas e excludentes presentes na Grécia antiga e na cidade do Assú, a Atenas Norte-rio-grandense, e nos fazem refletir sobre os aspectos educacionais da cidade, que já vinham se desenvolvendo desde o século XIX.

No panorama de desenvolvimento da cidade do Assú apresentado nesse texto percebemos uma relação de influências de fatores mais globalizantes. É plausível considerar que a instituição do processo de escolarização também é marcado por uma série de elementos voltados para momentos históricos, políticos, ideológicos, culturais, sociais, estéticos, entre outros.

É importante atentarmos para as influências de ideias relacionadas com contextos mais amplos como as mudanças no cenário político do país, na passagem do Império para a República, e com uma diversidade de práticas mais voltadas para o universo urbano. Essas relações também nos ajudam a compreender o próprio sentido histórico da implantação da educação primária na cidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição; PEREIRA, Wani Fernandes. **Lagoa do Piató: fragmentos de uma história**. 2. Ed. Natal: Editora da UFRN, 2006.

AMORIM, Francisco. **Colégio Nossa Senhora das Vitórias – 50 anos**. Assú: Coleção Assuense, 1977.

AMORIM, Francisco. **História da imprensa do Assú**. Natal: Departamento Estadual da Imprensa, 1965.

AMORIM, Francisco. **História do teatro no Assú**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1972.

ASSÚ EM REVISTA. **Ata de instalação da biblioteca popular da cidade do Assú**. Ano 1, n° 1, outubro, 1980.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. Entre casas de palha e jardins: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. In: FENELON, Déa Ribeiro (org). **Cidades – Pesquisa em História**. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

FENELON, Déa Ribeiro (Org). **Cidades – Pesquisa em História**. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

FERREIRA, Cláudia Maria Felício. **A poesia de Renato Caldas e sua dimensão educativa**. Dissertação (Mestrado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 1999.

FRAGO, Antonio Viñao. **Alfabetização na sociedade e na história: vozes, palavras e textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

IBGE. **Infográficos: dados gerais do município do Açu/RN, 2016**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=240020>. Acesso em 30 de outubro de 2016.

LIMA, Nestor dos Santos. **Municípios do Rio Grande do Norte: Areia Branca, Arez, Assú e Augusto Severo**. Mossoró: Coleção Mossoroense. ESAM, 1990.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 4. Ed. Natal: Flor do Sal, 2015.

OLIVEIRA, Lauro de. **O Açu no Recife: palestra na Sociedade de Medicina de Pernambuco**. Recife: Imprensa Oficial, 1966.

PINHEIRO, Rosanália de Sá Leitão. **Sinhazinha Wanderley: o cotidiano de Assú em prosa e verso (1876-1954)**. Tese (Doutorado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 1997.

SILVEIRA, Celso da. **Assu – gente, natureza, história**. Natal: Boágua Editora, 1995

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de história da cultura brasileira**. 6° ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

VASCONCELOS, João Carlos de. **Assú – “Atenas Norte-riograndense”**. Natal. Tipografia Santa Terezinha, 1966.

VASCONCELOS, João Carlos de. **Coletânea Literária Assuense**. Assú: Coleção Assuense, 1977.

WANDERLEY, Ezequiel. **Poetas do Rio Grande do Norte**. 2. Ed. Natal: Sebo Vermelho, 1993.

WANDERLEY, Romulo Carlos. **Canção da Terra dos Carnaubais**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1965.